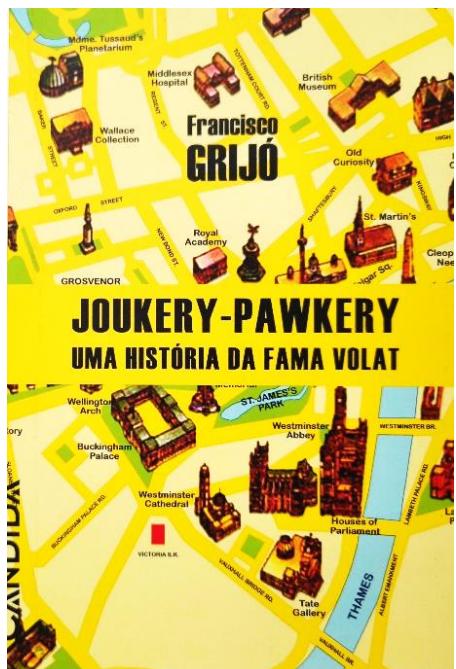


GRIJÓ, FRANCISCO. *JOUKER Y-PAWKER Y: UMA HISTÓRIA DA FAMA VOLAT*. VITÓRIA: CÂNDIDA, 2024.



(Selfie do autor)

Francisco Grijó*

* Escritor (Vitória, 1962), é membro da Academia Espírito-santense de Letras (AEL). Autor de *Diga adeus a Lorna Love* (contos, 1987); *Um outro país para Alice* (contos, 1989); *Com Viviane ao lado* (romance, 1995); *Licantropo* (contos, 2001); *Histórias curtas para Mariana M* (romance, 2009); *Todas elas, agora* (contos, 2013); *Os Mamíferos — crônica biográfica de uma banda insular* (2016); *Fama Volat* (romance, 2019); *Doxa — brevíssimas opiniões não tão politicamente corretas sobre livros, cinema e música* (2020).

Iniciei-me na literatura aos 19 anos, participando de Oficinas Literárias oferecidas pela professora Deny Gomes, do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. Era o início dos anos 1980 e havia, à época, um grande movimento literário na universidade: uma efervescência tão natural quanto necessária a quem apreciava a literatura e a quem se aventurava em criá-la. Os tempos de Oficina Literária serviram para consolidar o desejo de continuar a escrever — ou seja: alguns daqueles que iniciaram a possível jornada pelas palavras mantiveram-se na ativa até os dias atuais. Eu fui um deles. Aulas de literatura brasileira, iniciadas em 1983 — ainda estudante —, serviram também a uma necessidade implícita, que se resumia a produzir literatura de forma ampla e prioritária.

Em 1987, após participar (e ser o primeiro colocado) do prêmio Geraldo Costa Alves, honraria concedida pela Fundação Cecílio Abel de Almeida (FCAA), ligada à Ufes, o volume de contos *Diga adeus a Lorna Love* foi publicado, em coeditoria com a editora Anima, do Rio de Janeiro. Como todo livro de estreia, há irregularidades necessárias à evolução textual. O domínio narrativo era imperfeito, mas já havia embriões literários que resultariam em bons frutos. Dois anos depois, em 1989, um outro volume de contos — cinco, ao todo — em que a figura feminina era central. O título era sintomático: *Um outro país para Alice*, uma homenagem a dois escritores: Lewis Carroll e John Fowles, autor do clássico *O colecionador*, texto de referência para o conto-título. O livro, mais uma vez, foi editado pela FCAA, dessa vez sem o auxílio luxuoso de uma coeditoria. Considerando-me, então, um contista, além de professor, continuei o terrível e satisfatório trabalho com literatura, mais especificamente com narrativa. Imaginando ter fôlego para tal, imaginava criar uma novela, ou talvez um romance — o qual veio à superfície em 1995. *Com Viviane ao lado*, romance experimental com 6 narradores distintos, agradou à crítica e aos estudantes de Letras, mas nem tanto ao leitor ordinário. Teve duas edições por editoras

diferentes, e está esgotado. Aliás, os três primeiros livros citados não existem mais em livrarias. Em sebos, provavelmente.

Romances exigem paciência, demandam tempo — para criar e para consumir. Os contos, narrativas breves, parecem ser menos difíceis de construir. É algo falso. A criatividade independe da extensão textual: narrativas longas demandam mais personagens e enredos que se enredam. Isso não as torna, todavia, mais fáceis ou mais difíceis de serem erigidas. O leitor, por sua vez, não se importa com isso. Embora flirtando com narrativas mais longas, publiquei, no primeiro ano do século XXI, um outro volume de contos — *Licantropo*. Dessa vez, mais amadurecido como escritor, trouxe à superfície histórias cujas narrações versavam entre o fantástico e o trivial: de um suicida que narra a própria queda até um homem-lobo que só consegue amar estraçalhando seus objetos de desejo, passando por uma mulher que pede proteção policial ao marido porque irá matá-lo durante o coito até um cego a quem a própria esposa oferece mulheres para o intercurso sexual. Enfim, o próprio Grijó considera um bom livro, e, num certo sentido, uma antessala para seu primeiro romance, que viria à tona em 2009: *Histórias Curtas para Mariana M.*

Luís Guilherme Santos Neves, notável romancista capixaba, de narrativa elegante e sólida, foi convidado a fazer a orelha do citado romance: o segundo, na minha carreira de escritor. *Histórias curtas para Mariana M* é um romance em que várias histórias — quase todas elas breves — se entrecruzam, seja por voz do narrador principal, seja por graça dos narradores secundários. Há duas histórias principais, com narradores distintos: um escreve o romance que se lê; o outro, um livro policial que ele tenta criar. Aliás, a aventura policial permeia a obra, mas está longe de pertencer a esse subgênero. Essa é minha visão, eu diria que um tanto irrelevante. Luís Guilherme considerou o romance *Histórias curtas* não somente um emaranhado organizado de histórias, mas um ensaio sobre literatura policial. Em outras palavras, um romance-ensaio — e posso afirmar, com certeza, de que essa classificação me surpreendeu.

Sempre apreciei as histórias policiais, principalmente aquelas escritas pelos norte-americanos Chester Himes, Dashiell Hammett, Raymond Chandler e Ross McDonald. Claro que os europeus Conan Doyle, Agatha Christie, Graham Greene, Gaston Leroux e George Simenon também participam da predileção, mas os americanos são prioritários. As palavras auriculares de Luís Guilherme mereciam atenção máxima, e enquanto Francisco Grijó amadurecia a ideia de escrever um romance verdadeiramente em que crimes, investigadores e mistérios se misturavam.

Enquanto isso, em 2013, lancei *Todas elas, agora*, um volume de contos inéditos cuja ideia inicial era uma coletânea de histórias pornográficas. Não vingou e acabou reunindo 9 histórias de teor sexual, mas nada que se aproximasse da transgressão fescenina. Ao mesmo tempo que as histórias versam sobre 9 mulheres, há também 9 formas de narrar as pequenas histórias. De um assassino de adúlteras até um especialista na maneira que as mulheres têm de andar; de uma mulher que cede partes da anatomia a um homem até um fotógrafo que trabalha para espionar mulheres. É também um livro amadurecido — mas não absolutamente pronto. Sempre há algo a aprender.

Em 2019 veio *Fama Volat* — esse, sim, um romance policial ambientado em Vitória, Espírito Santo. A história versa sobre um sodalício de nome latino cujo objetivo era, por meio da *deep web*, comercializar ilegalmente obras de arte, fossem elas ligadas à pintura, à literatura, à escultura, à música etc. A ideia de uma teoria da conspiração, algo que sempre me seduziu, pulsa no texto como um coração essencial. Sem ela, não haveria a história do comércio ilegítimo de arte numa cidade pequena como Vitória. *Fama Volat* é um romance bem-sucedido em vendas, pois esgotou rapidamente, gerando uma nova edição.

Em 2024, escrevi *Joukery-Pawkery*, romance policial também ambientado em Vitória, tendo como personagens aqueles nascidos em *Fama Volat*. Algumas diferenças, além da história *per si*: o investigador, em *Fama Volat*, torna-se delegado, em *Joukery-Pawkery*. Um bilionário colecionador de obras de arte,

personagem em *Fama Volat*, é encontrado morto neste romance. A partir daí, chega-se ao aparentemente imponderável: Agatha Christie, a grande escritora de livros de mistério, e Elizabeth II, a monarca inglesa, entram na história. O título do romance refere-se justamente a um jogo de tabuleiro, criado pela escritora, e dividido com a rainha apenas uma vez por ano, no seu aniversário. Esse jogo, após a morte de *Dame* Christie, perde-se no tempo e no espaço. Reaparece décadas depois como objeto de desejo de vários colecionadores, incluindo o bilionário morto. Há, porém, um grande problema: sem o registro das regras do jogo, o *Joukery-Pawkery* não passa de um exemplo lúdico elegante. Nem é possível comprovar que brotou do cérebro privilegiado da mais importante escritora policial de todos os tempos. Enquanto se busca tal registro, a investigação se vê diante de algumas mortes e, claro, diante da *Fama Volat* e de toda a sua estrutura, lógica e mistério.

No enredo do romance, uma história de tensão sexual é abordada entre o delegado — de nome Anselmo Rosa-Torres — e uma jornalista chamada Rita Expedito. A relação tem início no romance anterior, *Fama Volat*, e em *Joukery-Pawkery* ganha termo e gesto. Rita, deuteragonista charmosa e inteligente, auxilia o delegado na investigação sobre a morte do bilionário Amarildo Suárez e, mais tarde, o aparente suicídio de Silas Rinaldi, poderoso advogado de Amarildo. A viúva, chamada Vivian, é uma figura importante para a história, assim como seu filho, Amarildo Suárez Junior.

Joukery-Pawkery, o jogo de tabuleiro, é uma invenção. Não existe, de fato. Sendo Agatha Christie uma escritora de livros de mistério, nada mais assertivo — a mim, pelo menos — que ela seja a criadora de um artefato lúdico cobiçado por parte da *fratellanza* que dá vida ao romance. Cheguei a afirmar que *Joukery-Pawkery* é uma continuação de *Fama Volat*. Não é, mas há quem o considere que ler este livro facilita a melhor compreensão daquele. Como disse, há personagens comuns, mas há também aqueles que, inéditos, são essenciais para a história.

Vitória continua sendo o cenário da trama, posto que parte dela — mínima, de fato — se situe em São Paulo, capital. O delegado Rosa-Torres iniciou sua carreira naquela cidade. Familiarizado com a tensão policial quotidiana, não foi difícil, para ele, estabelecer-se em Vitória. De início investigador, em *Fama Volat*, agora, delegado. O ambiente policial demandou pesquisa e paciência. Acostumado aos textos norte-americanos, que esboçam ambientes bastante distintos das delegacias brasileiras, optei por pedir ajuda. Meu amigo e escritor Pedro Nunes, aposentado como escrivão de polícia, auxiliou-me no que foi necessário. Estive também em uma delegacia — aquela que é exposta no livro, a DHPP situada no bairro Barro Vermelho. Fui bem recebido e, dentro dos limites da informação, deram-me boas dicas. Também tive acesso ao trabalho de médicos-legistas. Creio ser importante que um texto de ficção beire a verossimilhança. Diverte mais o leitor, penso.

Um romance policial pressupõe polícia, meliantes, crimes e punições — estas últimas protagonizadas pela lei. Pressupõe, mas não exige que haja soluções para tais transgressões. De modo geral, os ricos conseguem se safar e os pobres caminham para a força. No caso de *Joukery-Pawkery*, optei por uma ideia considerada meio-termo: a manopla da lei bate nos pecuniosos e nos pobres-diabos.

Por fim, a Fama Volat é uma organização imune a tudo — às oscilações econômicas, aos desastres climáticos, à geopolítica, aos governos, aos conflitos bélicos. Nada há que a abale, mas um homem como Anselmo Rosa-Torres e uma jornalista como Rita Expedito não pensam assim.

Recebida em: 22 de setembro de 2025.
Aprovada em: 3 de outubro de 2025.